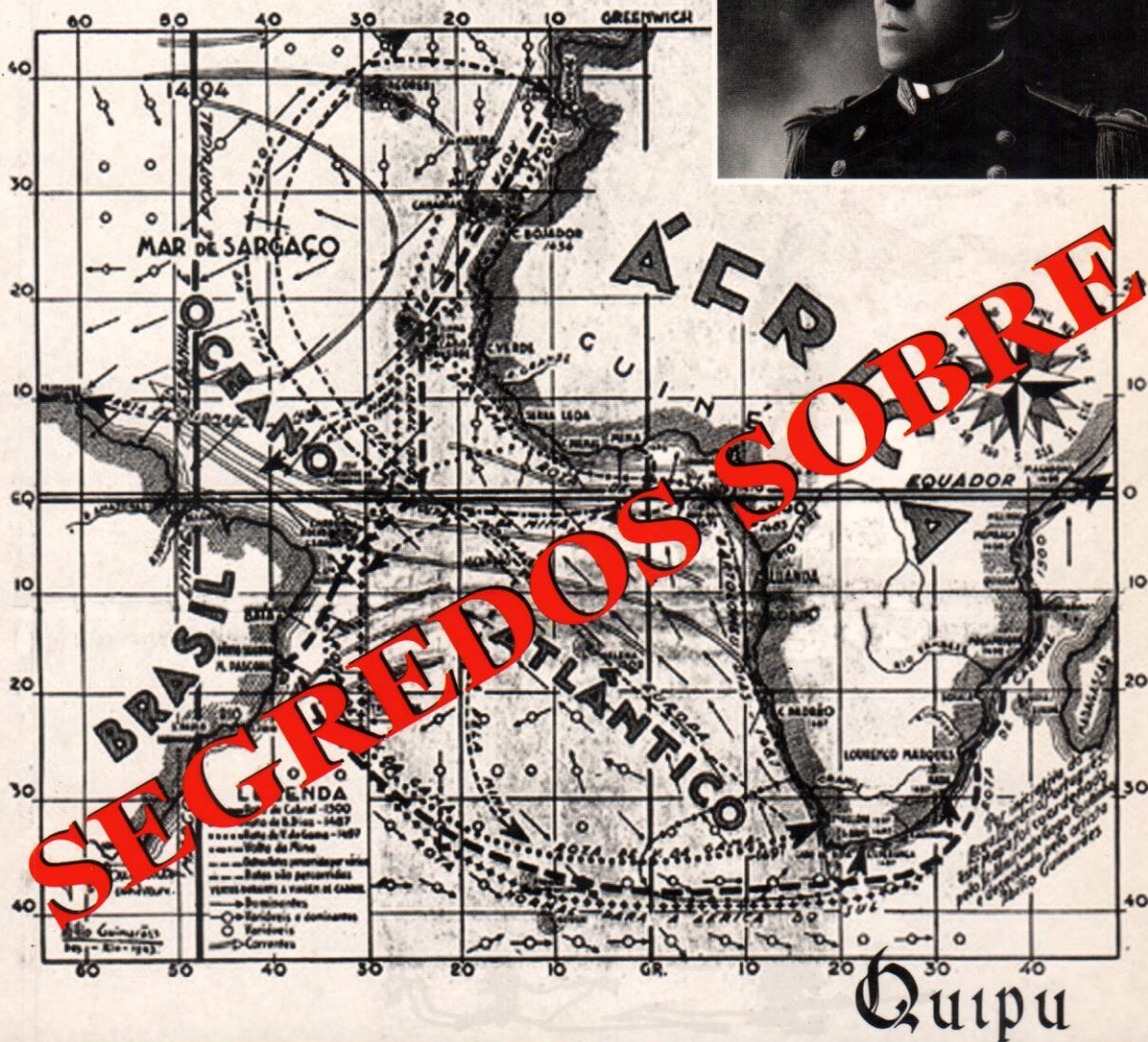


Almirante Gago Coutinho

A descoberta do Brasil

2 – versão náutica

«Arquivo Rainer Daehnhardt»



Avisa-se que nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer processo, quer ele seja electrónico, mecânico ou fotográfico, incluindo fotocópia ou outro tipo de reprodução sem prévia autorização escrita do editor ou do autor. Os transgressores são passíveis de procedimento judicial.

Título:

Segredos sobre

A DESCOBERTA DO BRASIL

2 – Versão Náutica

Autor:

Almirante Gago Coutinho

Prefácio:

Almirante Abílio Cruz Júnior

Capa:

Foto do Almirante Gago Coutinho e mapa que elucida a rota do Caminho Marítimo para a Índia, com passagem no continente americano, nomeadamente na costa do Brasil.

Coordenação da obra:

Eduardo Amarante/Dulce Abalada

Agradecimento:

Ao Almirante Abílio Cruz Júnior pela revisão e enriquecimento de alguns dados desta obra.

Ilustrações:

«Arquivo Rainer Daehnhardt»

Tradução:

Inglês para português: Ronnie Percival

Fotocomposição e paginação electrónica:

Quipu - Artes Gráficas

Impressão e acabamento:

Espaço Gráfico – Lisboa

Jomafer – Lisboa

Distribuição:

HT-Distribuição e comercialização de produtos culturais

Rua Rodrigues Sampaio, 77 • 1150 Lisboa

Telf. 21 352 90 08 / Fax: 21 315 92 59

1ª Edição — Lisboa, Julho 2000

ISBN 972-8408-21-8

Depósito Legal N° 150 578/00

© Publicações Quipu e Rainer Daehnhardt

Publicações Quipu

Apartado 1115 – 2776-801 Parede • Portugal

E-mail: info@quipu.pt

Internet: www.quipu.pt

ÍNDICE

PREFÁCIO	9
DESCOBRIMENTO DAS AMÉRICAS	
— Para ler na abita — (Antigo Tenente de Veleiros)	15
A ROTA ATLÂNTICA DA NAU “GRYFO” EM 1538	31
— Rota atlântica de D. João de Castro	44
O VELHO PROBLEMA DA LONGITUDE	55
(inclui artigo publicado no <i>The Times</i> , de 5 de Janeiro de 1945 — com tradução em português)	58
RESPOSTA DE GAGO COUTINHO, EM DOCUMENTO FAC-SÍMILE, AO ARTIGO PUBLICADO NO <i>THE TIMES</i> A 5 DE JANEIRO DE 1945 SOB O TÍTULO “OLD PROBLEM OF LONGITUDE”	63
(inclui transcrição trabalhada e revista pelo Almirante, publicada na “Seara Nova”, a 27 de Janeiro de 1945)	76
RESPOSTA DE SIR H. SPENCER JONES AO ARTIGO DE GAGO COUTINHO SOBRE “O VELHO PROBLEMA DA LONGITUDE” PUBLICADO NA “SEARA NOVA” A 27 DE JANEIRO DE 1945 ..	85
(inclui fac-símile da carta de H. Spencer Jones e respectiva tradução em português na página seguinte)	88
A NAVEGAÇÃO DE PERO LOPES DE SOUSA E O ESTUDO CRÍTICO PELO COMANDANTE EUGÉNIO DE CASTRO. A COLONIZAÇÃO PORTUGUESA NAS TERRAS DO BRASIL	95

A DESCOBERTA DO BRASIL

2 – VERSÃO NÁUTICA

Não é necessário recorrermos a reflexões transcendentais para afirmar que foi o “espírito de Sagres” e não “de Florença”, que levou os Europeus às “três Américas”. O Génio foi maior em “Sagres”, que no mar.

O Descobrimento das “Américas”, incluindo o Brasil, tem intrigado Historiadores privados de fontes, porquanto — por acaso, conveniência ou fatalidade — toda a documentação náutica desapareceu. Assim, foi mais fácil entregarem-se à fantasia romântica, pois naquele tempo as notícias que corriam eram vagas, acrescentadas por “pontos”. Logo, criou-se uma *tradição* que, impressa, ainda hoje é aceite por autores, estranhos à náutica dos veleiros, já bastante esquecida.

Desde que a História foi escrita por esses “autores”, que não sabiam que não sabem navegação, ressalta evidente a necessidade de todos nós — netos dos originais invasores do mar — procurarmos reconstituir uma “História dos Descobrimentos”.

As grandes navegações projectaram-se e realizaram-se apoiadas no resultado concreto de uma investigação humana. Os navegadores portugueses desbravaram oceanos, profundamente conhecedores do que faziam e impulsionados por um homem de génio, de nome Infante D. Henrique. A este homem os navegadores obedeceram incontestavelmente, seguindo a norma geral de investigação geográfica, metodicamente estudada e iniciada e que nos levou ao sucesso final. Os Descobrimentos nunca teriam sido realizados (daí nenhum outro povo o ter conseguido fazer) sem uma Nova Arte de Navegar em Mar Alto cuja criação ele provocou e que foi a alavanca que nos permitiu “abrir aqueles mares” e forçar as simbólicas portas do Mar Tenebroso. Já Pedro Nunes afirmou: “Os descobrimentos não se fizeram a acertar”.

Há que pôr de parte, por um lado as fantasias de cronistas e cartas (como as de Caminha e as italianas) que são obra de não navegadores que desconhecaram os Livros de Bordo e, por outro, as fantasias de navegadores de biblioteca (os historiadores) aliadas às “inspirações” dos Pilotos, para se poder escrever uma História Humana dos Descobrimentos Marítimos.

Documentos e manuscritos esquecidos por conveniência política

